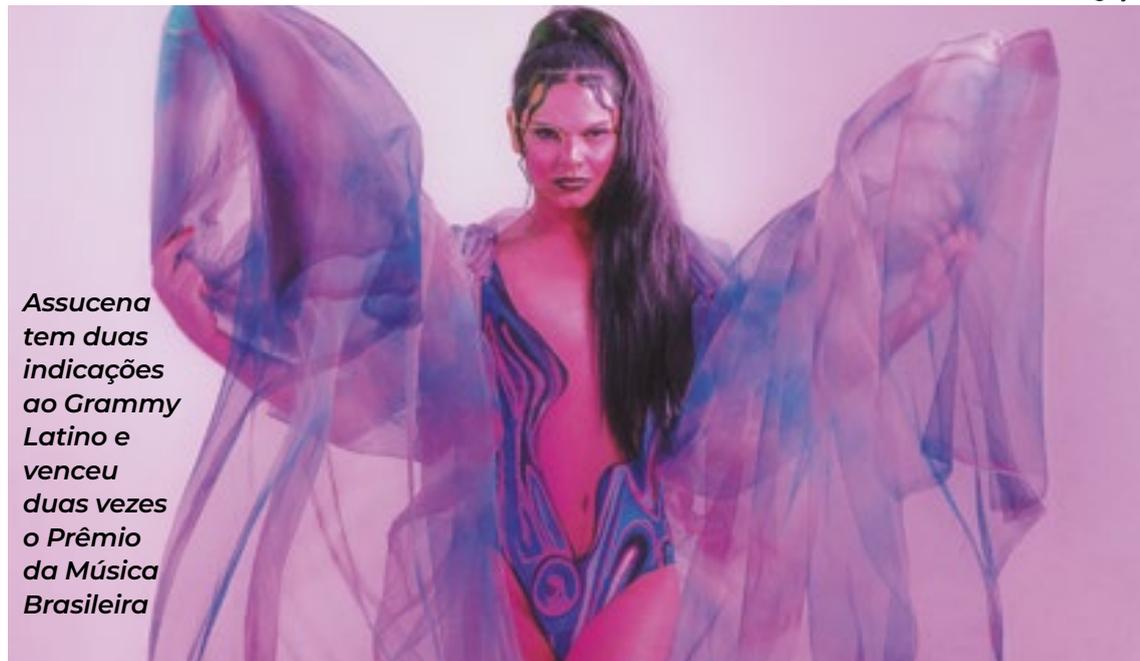


Assucena pensa o Brasil em canções

Cantora abre o projeto Por do Sol na Casa Museu Eva Klabin

Divulgação



Assucena tem duas indicações ao Grammy Latino e venceu duas vezes o Prêmio da Música Brasileira

Exponte na Nova MPB, a cantora Assucena abre o projeto “Por do Sol”, da Casa Museu Eva Klabin, neste sábado (18). Ao lado do músico multi-instrumentista Rafael Acerbi, a artista apresenta “Fluorescente”, um show composto por composições autorais, incluindo canções inéditas que estão presentes em seu primeiro álbum nesta nova fase da carreira solo, “Lusco Fosco”. As músicas carregam uma reflexão sobre o Brasil contemporâneo e sobre afetos, desilusões e demandas de pessoas trans e travestis.

“Ao questionar e desnaturalizar o que a cultura determinou como natureza, proponho, de maneira provocativa, novas linguagens, discursos e estéticas para falar de amor, comportamento e política. É um caminho estético sonoro que conversa com nossa tradição e nossa contemporaneidade para apontar a TRANSformação dos espaços, dos tempos e das ideias”, diz Assucena sobre o show.

O repertório inclui canções como “Menino Pele Cor de Jambo”, “Nu”, “Reluzente”, “Manhoso Demais”, “A última, quem sabe” e

outras composições de diferentes estilos musicais tratadas de forma jazzística, que ganham arranjos

instrumentais com improvisos. “Fluorescente” cruza barreiras musicais e se constrói como uma

metáfora sonora entre o samba e o rock, entre o blues e o baião, entre o pop contemporâneo e o arrocha.

Representa, ainda, a transição e a aurora de uma nova fase artística”, destaca a artista.

Nascida em Vitória da Conquista (BA), Assucena estreou em carreira solo com show em homenagem à Gal Costa. Já recebeu indicação do Grammy Latino (2019 e 2020) e duas vitórias do Prêmio da Música Brasileira em 2018 (Melhor Grupo e Melhor Álbum), quando integrava o trio “As Baías”, que durou 10 anos. Em 2022, lançou o show “Rio e Também Posso Chorar”, uma homenagem aos 50 anos do disco “Fatal” de Gal Costa, dando início a carreira solo. Em seguida, lançou novos singles e, para o primeiro álbum, firmou uma parceria de direção artística com a cantora Céu.

Nos palcos, Assucena foi indicada ao Prêmio Shell como melhor atriz pela peça “Mata Teu Pai, Ópera-Balada”, trabalho dirigido por Inêz Viana.

SERVIÇO

ASSUCENA - FLUORESCENTE
Casa Museu Eva Klabin (Av. Epitácio Pessoa, 2480 - Lagoa) | 18/5, às 17h | Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

CRÍTICA / DISCO / FRACTAL FEMININO VOL 1 - DOLORES DURAN

Aquiles Rique Reis*

Nasceu e cresce uma grande cantora, Rachel Cossermelli!

Tempos atrás, lembro bem, revelei o que voltarei a dizer agora. Refiro-me à satisfação de perceber que o primeiro disco de uma novata ou de um novato me comoveu, me deixou feliz por tê-la ou tê-lo ouvido e, segundo meus critérios, ter percebido que ali estava um nome a ser conhecido e curtido pelo grande público, aquele que ama a música brasileira.

Hoje eu tenho o contentamento de lhes trazer o primeiro álbum de Rachel Cossermelli, “Fractal Feminino Vol. 1: Dolores Duran” (independente). É com prazer que lhes apresento a jovem Rachel: bacharela em canto popular pela Faculdade Santa Marcelina, ela participa ativamente do circuito musical independente paulista. Após três anos na graduação de arquitetura

e urbanismo, optou por seguir na música.

Neste ofício, descobriu sua paixão por desvendar o papel feminino na música do século XX, que desembocou no projeto Fractal Feminino, que procura atender mulheres que se aventuram na indústria musical.

E Rachel lançou luz sobre uma das maiores compositoras brasileiras do nosso tempo, a pioneira Dolores Duran (1930/1959), da qual escolheu seis músicas. Há uma faixa bônus, onde Rachel revela a ficha técnica, fala sobre o disco e faz agradecimentos (https://youtu.be/PEXiQj3rIrU?si=-V0r5_mThnxqk1ky), que vale a pena ouvir – o que, sem dúvida, é uma boa ideia.



Divulgação

Segundo Rachel, ela dispôs as seis faixas no disco seguindo um critério (que sacada!): dar a sua visão sobre os relacionamentos a partir da obra de Dolores.

Vamos às músicas: “Falsos

Amigos” (DD, lançada em 1960 pela cantora Cláudia Regina), “Por Causa de Você” (https://youtu.be/PEXiQj3rIrU?si=-V0r5_mThnxqk1ky), de Tom Jobim e Dolores Duran; “Olha o Tempo Passando” (https://youtu.be/PEXiQj3rIrU?si=-V0r5_mThnxqk1ky), de Dolores e Edson Borges e lançada pela cantora Maricenne Costa em 1960; “Se E Por Falta de Adeus” (1955 – Tom Jobim e DD), “Fim de Caso” (Dolores) e “Estrada do Sol” (https://youtu.be/PEXiQj3rIrU?si=-V0r5_mThnxqk1ky), Tom Jobim e Dolores. Rachel, interessada não só pelas composições, mas

também pela história de vida de mulheres como Dolores (aguardemos o volume 2 do projeto Fractal Feminino), repito, é uma grande cantora! Sua voz reverbera verdades, cantadas com afinação, dicção e dignidade exatas.

A emoção pontua cada sílaba de cada nota da melodia. Antena com seu tempo ao gravar uma mulher sintonizada com o seu universo musical e filosófico, o álbum de Rachel traz a prerrogativa de ser coletivo. A voz, as músicas, os arranjos, os instrumentos, as participações especiais e as ideias exalam música brasileira.

Ao partir do ponto de vista de mulheres que fazem da música a própria vida, Rachel Cossermelli encontrou o nexo atual com a genialidade contemporânea em Dolores Duran.

*Vocalista do MPB4 e escritor